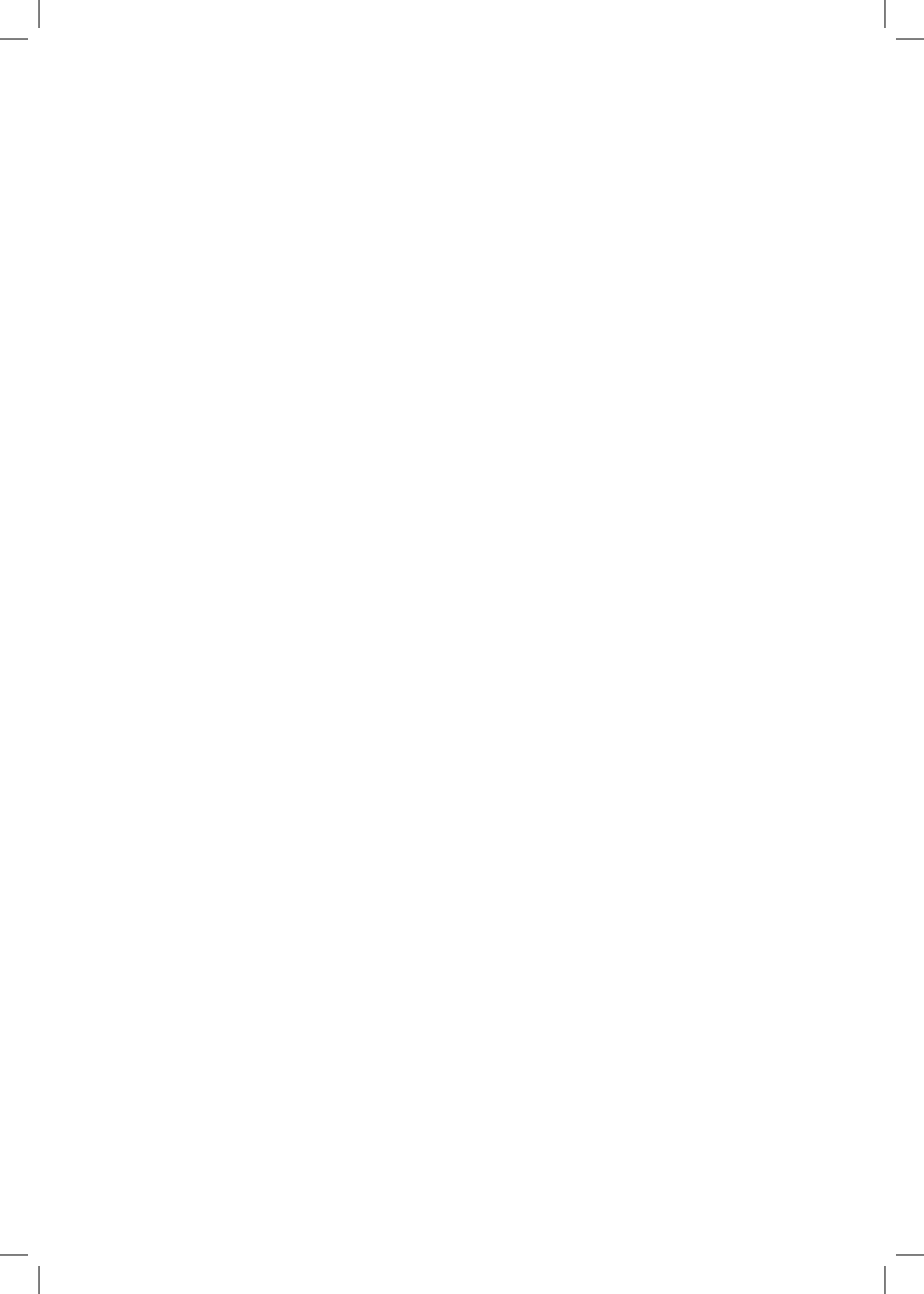


Independente  
e unida



**João Paulo Fernandes**

*Independente  
e unida*

**Uma história da  
Mocidade da Vila Falcão**

**Bauru  
2019**





# Sumário

**7** *Introdução*

**10** *Os precursores do falcão*

**27** *Alçando voo dentro e fora da avenida*

**47** *O fim súbito*

**59** *Recomeço*

**74** *Apêndice*



---

## INTRODUÇÃO

ERA MADRUGADA DO DIA 3 DE MARÇO DE 2019, uma noite muito quente, apesar das chuvas que varreram a cidade nos dias anteriores e da umidade elevada do ar, decorrente das recentes precipitações. Porém, bem mais úmido que a noite era o corpo dos foliões, ainda cobertos — alguns nem tanto — com as fantasias exuberantes do desfile que acabara de se encerrar. Os portões já haviam se fechado. A Mocidade Unida da Vila Falcão concluía, com primazia e garra surpreendentes, mais uma travessia do sambódromo municipal Guilberto Carrijo, na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo.

O sentimento dominante, dos mais variados. Aquele desfile, para muitos membros da escola, teve gosto de superação, de recompensa, de satisfação, de desabafo, entre tantas coisas. Terminava ali mais um carnaval para a Mocidade, o quinto de sua história recente. E, apesar de ninguém saber ainda — a intuição de alguns já acusava uma possível vitória, tamanha a euforia e contentamento que tomou a agremiação após percorrer os 800 metros de avenida que separam a concentração da dispersão —, seria também seu terceiro título.

Título este que seria muito bem-vindo, após um amargo segundo lugar e tantas decepções e problemas que atingiram

a escola ao fim do carnaval do ano anterior. Não que tenham sido os primeiros desafios pelos quais a Mocidade passou em sua história; contudo, eram os mais recentes, e haviam tocado em algo que é extremamente sensível nas pessoas, especialmente nas que acumulam mais tempo e maior experiência no carnaval: o orgulho.

A principal característica que nutre esse sentimento entre grande parte das pessoas que compõem a agremiação hoje é a tradição. Apesar de ter apenas cinco anos de existência, a Mocidade Unida da Vila Falcão é fruto da paixão pelo carnaval de alguns membros natos do bairro de ferroviários ao qual pertence a escola, e que foram os mesmos responsáveis por movimentar e dar vida também àquela que foi uma das precursoras dos folguedos bauruenses.

Seu passado remete a épocas bem mais distantes, de quando a folia ainda não tinha um sambódromo para lhe acolher e de quando a própria escola possuía ainda outro nome. Foi sob a alcunha de Mocidade Independente da Vila Falcão que se consolidou como uma das mais importantes escolas de samba de Bauru, detentora de múltiplos títulos e berço de figuras consagradas no carnaval do município, entre dirigentes, carnavalescos, ritmistas, mestres de bateria e tantos outros cargos ocupados por indivíduos renomados e respeitados em suas funções.

E hoje, como Mocidade Unida, busca se inspirar e manter a tradição daquela que foi no passado, construindo um novo futuro sem perder sua essência ou o amor pelo samba. Desfila ostentando, no pavilhão, o respeito e admiração de todos os que conhecem sua história, sejam membros ou não da escola, e se inspirando na força e coragem do falcão que a representa para alçar voos ainda mais altos.

**1**

**Os precursores  
do falcão**

---

“CONSEGUIMOS, CONSEGUIMOS!”. Ana Cristina Ignácio da Silva, a Cris, agradecia emocionada cada integrante da escola que aparecia em sua frente. Afinal, era ela o carro-chefe de toda a festa. Pela primeira vez, estava à frente da Mocidade Unida, sua escola do coração. Eleita em 2018 para assumir a presidência, desde sua posse teve de lidar com os mais variados empecilhos para que o desfile se concretizasse. O alto volume de suor que cobria sua pele negra, por fora e por dentro do belíssimo vestido vermelho que usava, não era fruto apenas do calor daquela noite, mas também consequência de todo o trabalho e das dificuldades enfrentadas ao longo do ano inteiro para chegar até o final da avenida. Contudo, o caminho árduo valeu a pena.

Vendo o desfecho da noite, com todas aquelas fantasias e carros nem um pouco modestos, Cris lembrou-se daquela escola que viu nascer em 1976, e que foi responsável por mudar completamente o carnaval bauruense. Aquela que foi a precursora entre as escolas de samba na cidade — com a estrutura que se conhece hoje, popularizada principalmente pelas agremiações do Rio de Janeiro e que se tornaram símbolo maior da festividade no país e também no resto do mundo — e na qual todas as outras que vieram depois se inspiravam e aspiravam ser.

Não que antes do surgimento da Mocidade não houvesse carnaval ou a data não tivesse uma comemoração significativa no município. Ao contrário, Bauru sempre foi uma cidade de tradição carnavalesca muito forte. Já durante a década de 1920, começaram a ser organizados os primeiros folguedos, ainda nos moldes do que era conhecido como curso: carros antigos onde se aglomeravam famílias, uma em cada automóvel, para travar uma batalha de confetes e serpentinas entre si, enquanto diversos outros foliões, a pé, também acompanhavam o desfile, fantasiados e dançando ao som de marchas que nem de longe se assemelhavam aos sambas-enredos ouvidos hoje nos sambódromos. “Eles ficavam andando na rua, e quando se cruzavam jogavam confete e serpentina uns nos outros. Contam inclusive que muitos carros paravam, porque era tanta serpentina que os motores travavam, porque eram muito fracos na época”, descreve Tobias Ferreira Gomes Filho, radialista, conhecido na cidade pelo apelido de Tuba.

No período em questão, ainda nem se cogitava a criação de um espaço próprio para a realização dos desfiles de carnaval. Era tudo na rua. E, no caso de Bauru, nas principais ruas do centro comercial à época. “A primeira parte da história do carnaval daqui eram os cursos. Os clubes tinham seu pessoal, que saía jogando confete e serpentina, e os carros antigos desfilando pela rua Batista de Carvalho, pela 1º de Agosto e, muitas vezes, na avenida Rodrigues Alves. Era isso que fazia a alegria do carnaval”, recorda Jair Fontão Odria, ex-diretor de escola aposentado e um dos mais antigos membros da Mocidade.

Apesar de os cursos terem perdurado por muitos anos e contribuírem para que as festividades em Bauru tomassem proporções incríveis, havia outro segmento tão forte quanto a folia de rua na

cidade, mas que, para a alegria de todos e para o bem do carnaval bauruense, serviu mais como um complemento à diversão do que como rival dos que puxavam a algazarra pelas vias públicas.

Com a propriedade e experiência de quem vivencia os folguedos no município há pelo menos 60 anos, Jair conta que os bailes de carnaval, promovidos pelos clubes bauruenses eram atrações igualmente disputadas e frequentadas por boa parte dos cidadãos durante a época do entrudo. O brilho notável que surge nos olhos azuis e a emoção que preenche sua voz rouca ao lembrar o sucesso dos bailes do passado escancararam a afeição que o primeiro presidente da Mocidade nutria pelos festejos, mesmo sendo um admirador e participante ativo dos desfiles carnavalescos.

Ao contrário do que acontece hoje na cidade, os clubes eram muito populares durante a segunda metade do século XX. Para se ter uma ideia, Bauru chegou a ter cerca de seis ou sete deles funcionando a todo vapor simultaneamente. Muito além das práticas esportivas, eram um espaço de convivência, onde se promoviam diversos eventos festivos, entre os quais os concorridos bailes de carnaval.

Destacavam-se os folguedos realizados principalmente pelo Bauru Tênis Clube — mais conhecido como BTC, ou simplesmente “Tênis” — e pelo Country Club, este último considerado por Jair como dono dos melhores carnavais da cidade. Ao contrário do BTC, que tinha entre seus sócios e frequentadores membros da mais alta sociedade bauruense, o Country era uma associação de caráter mais popular, que agregava pessoas das mais diversas classes sociais, o que deixava a festa ainda mais bonita.

Havia também a Associação Luso Brasileira, ou apenas Luso, e o Bauru Atlético Clube, o BAC, que tinha como ponto forte, além dos bailes de carnaval animados e bem frequentados,

## OS PRECURSORES DO FALCÃO

uma equipe de futebol de altíssima qualidade, responsável inclusive por revelar ao mundo um dos maiores ícones do esporte: foi defendendo o time bauruense que Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé, acabou descoberto por Waldemar de Brito, que mais tarde o levaria para o Santos Futebol Clube, onde iniciou sua carreira profissional.

Também ligado ao futebol, mas de importância muito mais significativa para o carnaval da cidade é o Esporte Clube Noroeste. Foi um grupo de foliões e ritmistas vinculados ao clube o responsável por levar às ruas uma das primeiras escolas de sambas de Bauru, batizada também com o nome de Noroeste. Além disso, era no ginásio Panela de Pressão, de propriedade do clube, que acontecia um dos bailes carnavalescos mais memoráveis do município.



*Imagem de premiação em desfile do início da década de 1970, ainda na avenida Rodrigues Alves. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

De fora para dentro. Assim funcionaram as festividades carnavalescas em Bauru durante as décadas de 1960 e 1970 praticamente inteiras. A algazarra começava nas ruas, mas depois os foliões seguiam para os clubes de sua preferência e estendiam as comemorações noite adentro, até o raiar do dia seguinte. E, segundo Unilson Roberto de Matos, funcionário público e um dos fundadores da Mocidade Independente, era o Esporte Clube Noroeste o responsável por agregar boa parte dessas pessoas.

Quem se dirigia até a vila Falcão após deixar os desfiles no centro da cidade já tinha endereço certo para seguir na folia: o ginásio Panela de Pressão. O prédio, que hoje abriga uma quadra poliesportiva moderna — que serve como sede oficial das equipes de basquete e voleibol da cidade para partidas como mandante, e que já foi palco de jogos memoráveis e da conquista de títulos importantes dos times —, não se assemelha nem um pouco com o local onde antes ocorriam os bailes.

Afinal, os tempos eram outros. O ginásio não possuía a mesma relevância dos dias atuais, e não havia os mesmos recursos — e investimentos — disponíveis na época para que fossem realizadas obras grandiosas no local. Ainda assim, a estrutura era suficiente para comportar as centenas de foliões que chegavam ao clube para pular carnaval. “Não tinha cadeira, a arquibancada era só o concreto mesmo. E o chão era de madeira. Mas os bailes lá eram ótimos. Do mesmo jeito que hoje enche nos jogos, era desse jeito que ficava no carnaval. E durou muitos anos”, recorda Maria dos Reis da Silva Carvalho, funcionária pública aposentada, fundadora e membro atuante tanto da Mocidade Independente quanto da Unida.

Foi sentado no sofá da sala de sua casa que pude ouvir melhores detalhes sobre o que o Noroeste representou para o

carnaval da cidade e, claro, também sobre a Mocidade. Estávamos acompanhados de Unilson, que eu acabara de conhecer ali, por intermédio de Maria. Quando soube do motivo da entrevista, ela achou essencial convidar o amigo para participar da conversa comigo. Afinal, quem melhor para falar da Mocidade Independente do que uma das pessoas que esteve mais diretamente envolvida na criação da escola? Qual não foi a minha surpresa ao adentrar o cômodo e reparar naquele homem de pele muito negra, de jaqueta quebra-vento e boné, que Maria me apresentou como sendo BCC, apelido pelo qual Unilson é conhecido por toda a velha-guarda da Mocidade.

“O Panela de Pressão já tinha bailes desde a época do Caré. Eles desfilavam na rua e depois a turma dele já ia tudo para lá”, relembra. Fazer referência ao homem conhecido por Caré foi, na ocasião, uma clara evidência da intenção de BCC em salientar a seu interlocutor — no caso, eu — o quão antigos os carnavais promovidos no ginásio do Noroeste eram. Afinal, Caré foi o dono de um dos primeiros esboços do que um dia seria chamado de escola de samba na cidade.

Denominada Caré e suas Pastoras, o grupo era, ao lado da Vai-Vai da Bela Vista, comandada por Pedro de Campos — outro coletivo que, apesar da escassez de semelhanças com a estrutura das agremiações modernas, também era denominada escola de samba —, quem comandava as festas no centro da cidade, puxando os foliões com marchinhas tocadas ao vivo, em um grande bloco carnavalesco. Ambas marcaram época pelo fato terem introduzido em Bauru um modelo diferente de organização da folia. “O povo ia para a avenida, levava os filhos para assistir ali na Rodrigues Alves, na Batista ou na 1º de agosto. Porque era entre a praça Rui Barbosa e a [rua] Agenor Meira o

pedaço onde todo mundo desfilava, onde todo mundo paquerava, era o point. Só que não eram escolas de samba. Aquilo pra mim era rancho. Porque eles tinham os instrumentos de bateria, inclusive com grandes ritmistas, tocando frigideira e uma série de coisas, só que tinha pistão [trompete]. Então pra mim é rancho”, contesta Jair. Mas, apesar de apresentarem algumas divergências importantes em relação às características daquilo que hoje se entende por escola de samba, tanto Caré e Suas Pastoras quanto a Vai-Vai da Bela Vista foram as responsáveis por acender as primeiras fagulhas da chama que mais tarde levaria à criação de verdadeiras e majestosas agremiações no município.

Independentemente da denominação, o fato é que tanto a escola de Caré quanto a de Pedro de Campos eram as responsáveis por movimentar e dar vida ao carnaval de rua de Bauru, agitando a folia e fazendo a alegria da população. Segundo BCC, era a agremiação do primeiro quem conduzia, por exemplo, uma parcela considerável dos que assistiam e participavam dos desfiles de rua até um dos principais bailes da cidade: o do Esporte Clube Noroeste. E assim foi até meados da década de 1970, quando a cidade viu seu principal time de futebol alcançar uma ascensão estrondosa, trazendo consigo considerável destaque e visibilidade ao município.

Sob a direção do então ferroviário e torcedor fanático do alvirrubro, Cláudio Amantini, o Noroeste começou a deslanchar e a chamar a atenção não apenas dos bauruenses, mas de todo o futebol nacional. Quando assumiu a presidência do clube, Amantini conseguiu formar uma equipe formidável comparado ao que o time vinha apresentando em anos anteriores. E não eram apenas os jogadores que se destacavam pela garra e determinação. A começar por ele próprio, Amantini conseguiu reunir, desde

a comissão técnica até a diretoria, um grupo focado em fazer com que o Noroeste alcançasse finalmente o patamar de um time grande. E, no ano de 1970, após um período de trabalho árduo e muito esforço, veio a primeira conquista: o título da série B do campeonato brasileiro e o tão sonhado acesso à divisão principal do futebol nacional.

Embalado pelo auge do clube, Amantini sabia que precisava manter o apoio e a confiança que o povo bauruense depositava sobre o Noroeste. E, para isso, começou a investir em outras coisas além do futebol para agradar ainda mais a legião de seguidores e frequentadores do clube, que aumentava cada vez mais.

Uma das estratégias do dirigente foi apostar no carnaval. Além de dar continuidade aos já tradicionais bailes carnavalescos, resolveu também arriscar-se para além dos muros do clube, e colocar sua própria agremiação na rua. Encabeçada por “seu” Nogueira, a escola de samba do Noroeste foi montada de maneira um pouco diferente do que se tinha na cidade até então, bem mais próxima de uma escola de samba tradicional do que qualquer outra de Bauru. Isso porque o sambista, além de carioca, já participava do carnaval do Rio há alguns bons anos, e possuía uma vasta experiência em relação a carnaval. Policial federal, Nogueira havia sido transferido para Bauru, e trouxe consigo toda a família. Todo o investimento não apenas deu certo, como até hoje a escola de samba do Noroeste é considerada um marco na cultura carnavalesca da cidade quase que por unanimidade entre os participantes mais antigos das festividades no município, como é o caso de BCC. “Na verdade o que começou a revolucionar o carnaval de Bauru em termos de juntar o pessoal de diferentes classes sociais foi o Esporte Clube Noroeste. Porque como o Cláudio Amantini tinha dinheiro para as fantasias, e ainda levava

o nome do Noroeste, ele trouxe até gente de fora para desfilarmos”, afirma.

Nessa “gente de fora” estavam incluídas pessoas de diversas cidades do interior paulista, com quem o dirigente do clube tinha contato por causa da ferrovia. Entretanto, com exceção de Bauru e da capital — que também começava a apresentar um carnaval um pouco mais organizado na época —, nenhum outro lugar do estado de São Paulo possuía folguedos de alcance significativo. Por isso, para realmente chamar a atenção, era necessário trazer algo maior para a cidade, alguém que realmente entendesse de carnaval.

E assim foi feito. “Em 1968 ou 1969, meu pai, juntamente com o Guilberto Carrijo e o Cláudio Amantini, trouxeram para a cidade a escola de samba do Salgueiro. Eles desfilaram em Bauru”, afirma Tuba. Abrindo um sorriso discreto no rosto, que não deixa dúvidas sobre a satisfação que relembra que o próprio pai — o também radialista Tobias Ferreira — esteve envolvido em um feito tão notável para o município ainda traz, Tuba conta que foram trazidos cerca de 40 ônibus diretamente da cidade maravilhosa. “E o Cláudio Amantini patrocinou uma série deles [os ônibus], e aí os homens ficaram no Panela de Pressão, porque não havia hotéis suficientes para acolher todo mundo, e a Polícia Militar cedeu as instalações lá no quartel para as mulheres ficarem. Foi muito interessante”, completa.

Os bailes promovidos pelo Noroeste duraram até quase o final da década de 1990. A escola de samba do clube, contudo, não desfrutou de vida tão perene. Apesar do sucesso que fez na época de sua estreia, e da semente de transformação que plantou no coração de muitos que tinham o sonho de tornar o carnaval bauruense algo grandioso, a escola de samba do Noroeste ficou apenas dois anos em atividade.

## OS PRECURSORES DO FALCÃO

Em um primeiro momento pode parecer algo ruim ou triste de se acontecer, mas a verdade é que o fim da agremiação noroestina acabou desencadeando consequências benéficas aos festejos do município, por dois motivos. Em primeiro lugar porque, sem uma escola para desfilar, porém com a vantagem de já se conhecerem e trabalharem juntos, alguns dissidentes da escola de samba do Noroeste se juntaram para formar o Camisa 10, até então apenas um bloco, mas que conseguiu formar uma bateria de altíssimo nível.



*Casal de mestre-sala e porta-bandeira da Camisa 10, já desfilando como escola de samba, na Avenida Nações Unidas. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

BCC é a prova viva disso. Sua trajetória no carnaval começou bem antes de a Mocidade surgir. Quando a escola de Caré ainda disputava a avenida com a Vai-Vai de Pedro de Campos, o

jovem que depois participaria da fundação da escola da vila Falcão já desfilava, no meio da bateria improvisada de Caré. Quando resolveram formar o Camisa 10, após a desintegração da escola do Noroeste, lá estava BCC para compor a bateria do bloco. A qualidade do conjunto, a despeito da simplicidade com que se trajavam para os desfiles, impressionava até mesmo os mais leigos foliões. “Em homenagem ao Pelé, formaram uma bateria e chamaram de Camisa 10. Eles usavam um chinelo branco, calção branco, camisa branca e preta com o número 10 nas costas, um chapéu desses caipiras, de palha, pintado de prata, e colocavam três mulheres na frente da bateria. E fizeram uma baita bateria”, recorda Jair Odria.

O segundo ponto pelo qual é possível considerar o fim da Noroeste algo, de certo modo, positivo, é a criação de uma escola própria da vila Falcão. Durante muito tempo, a ideia de fundar uma agremiação que representasse o bairro foi levantada, sem nunca, porém, acabar concretizada. Jair descreve, saudoso, que era tradicional a reunião de um grupo de amigos - do qual ele fazia parte e cuja maioria estaria, em breve, envolvida na criação da escola pioneira do carnaval bauruense - na quadra 12 da rua Campos Salles. O motivo? Churrasco, cerveja e samba. “Ficávamos ali das 9h ou 10h até umas 16h. Todo mundo bebendo, comendo e aquele samba correndo frouxo. Os caras que tocavam ali eram todos muito bons. Aí fazia aquele baita samba, e quando acabava ia todo mundo pra casa, lamentando o fato de a Falcão não ter uma escola de samba”, detalha. Por fim, a escola de samba do Noroeste acabou despertando ainda mais o desejo dos moradores da região em fundar sua própria escola. E ela veio.



“TUDO COMEÇOU NUM BAR”. Recostado em uma daquelas cadeiras clássicas dos anos 1980, com armação de ferro e fitas de plástico — assim com eu, que também me acomodei em uma do mesmo modelo, que já se encontrava à minha espera na garagem quando cheguei à sua residência —, o músico e ferroviário aposentado Sérgio Agostinho de Araújo conta com a emoção própria do artista que é as memórias sobre o início da Mocidade Independente.

Serginho, como é popularmente conhecido, apesar de não estar presente na ocasião da conversa extasiada em uma mesa de bar que antecedeu, enfim, o ímpeto dos sambistas da vila Falcão em se mobilizarem para fundar a própria escola, foi um dos primeiros a saber da novidade. E realmente era uma novidade. O assunto já vinha de tempos, mas como nunca havia saído do campo das ideias, muitos já nem tinham mais fé de que algo pudesse realmente surgir daquelas euforias sazonais.

“Eles estavam no Bar do Cural. Mas era uma conversa que sempre teve. Chegava perto do carnaval, conversava-se o assunto. E sempre ventilava. Até porque, no ano de 1970 saiu a escola do Noroeste lá na Falcão. Desfilou por dois anos e depois parou de sair, e aí o pessoal de lá migrou e fundou o Camisa 10, que era só uma bateria. E aí começou a fervilhar na Falcão. A maioria dos batuqueiros era tudo de lá, o pessoal que era chegado, que era do ramo, estava todo ali. Por que não fazer a nossa [escola]?”, indagou, adotando o mesmo ar de incredulidade que boa parte dos moradores da vila à época expressavam ao tocar no assunto.

Mas aquela conversa havia sido diferente. Todos perceberam. Inclusive Serginho, que mesmo não estando presente no momento da prosa, sentiu dentro de si aquela típica inquietação de quem começa a fazer algo que gosta com a certeza — ou, pelo

menos, o pressentimento — de que tudo vai dar certo. “Meu irmão chegou me contando que havia acontecido uma nova conversa a respeito. ‘Agora vai, agora vai’, ele falava. Achei bacana. Quando chegou segunda-feira, eu fui na onda da conversa do meu irmão e saí”.

Saiu e foi fazer o que precisava ser feito. Para Serginho, não havia empecilho que impedisse a vila Falcão de finalmente colocar sua escola na rua. Não dessa vez. Para ele, já estava mais do que na hora disso acontecer. E não era apenas porque todo mundo já estava cansado de ouvir os rumores que nunca eram colocados em prática sobre a possível fundação de uma agremiação para o bairro: quando o alarde começou novamente, já eram meados de dezembro. Se nada fosse feito até o início do ano seguinte, as chances de mais uma vez a escola não sair do papel eram grandes.

Conversa daqui, conversa dali, e aos poucos começaram a ser fechadas parcerias importantes. Foi junto à Tilibra — fabricante de materiais escolares e artigos de papelaria fundada por João Martins Coube na década de 1920 e que até hoje representa uma das maiores forças industriais de Bauru —, por exemplo, que Serginho e os outros entusiastas da nova escola de samba da vila Falcão conheceram personagens que logo se juntaram ao grupo e de pronto assumiram funções vitais na agremiação para que tudo ganhasse vida.

Um deles foi José Horácio Gonçalves, o Zé Horácio. Decorador e artesão por vocação, iniciou sua carreira no carnaval na Mocidade Independente, escola graças à qual teve espaço para crescer e se tornar um carnavalesco renomado na cidade, o que contribuiu para que fosse convidado inclusive para trabalhar junto a outras agremiações ao longo da trajetória como participante ativo das festividades bauruenses. O segundo se trata de

José Ricardo Scareli Carrijo, ou apenas Carrijo. Administrador de empresas e economista, Carrijo é filho de Gilberto Carrijo, um dos homens responsáveis por incentivar o carnaval em Bauru promover ações que permitissem que o mesmo chegasse ao patamar que chegou. Pela Mocidade, José Ricardo exerceu diversas funções, inclusive a de presidente da agremiação.

Ambos, ao comprarem a ideia de montar uma escola de samba do nada para colocá-la na avenida, não apenas se doaram para fazer com que tudo acontecesse, como também contribuíram para que a Mocidade saísse já em seu primeiro ano para impressionar. Segundo Serginho, uma ala inteira com cerca de 150 pessoas, todas funcionárias da Tilibra, confirmou a participação no desfile. Mas ainda havia espaço para muito mais. “A gente tinha a bateria, aí chegou uma ala da Tilibra, uma ala com quase 300 pessoas do Tênis Clube. Aí somava a ala das baianas, não tinha uma escola em Bauru que tinha o tamanho da nossa”, desdenha o músico.

Encontrar foliões dispostos a representar a nova escola, como é possível notar, não foi algo tão difícil. O problema maior estava em outro quesito: o subsídio necessário para financiar todo o desfile. Na época, o valor disponibilizado para as escolas e blocos não era muito significativo. Mas, mesmo que fosse uma quantia consideravelmente generosa, de nada adiantaria para os novatos: agremiações em seu primeiro ano de desfile não tinham direito ao benefício. Logo, se os fundadores quisessem realmente colocar a escola na rua, seria preciso descobrir meios altamente rentáveis e rápidos para arrecadar a tempo o suficiente para arcar com todas as despesas da festa.

As alternativas encontradas foram as mais diversas. Um dos recursos mais utilizados foram as famosas rifas. De cigarro a

bebidas, qualquer coisa que tivesse um valor considerável e fosse passível de ser sorteada entre a comunidade da vila — e qualquer um que quisesse participar — rapidamente virava prenda. Teve até mesmo televisão colocada como premiação aos participantes. “Rifamos televisão e mais um monte de coisa. Inclusive, essa televisão saiu para nós mesmos, na primeira vez que sorteamos, e aí tivemos que fazer o sorteio novamente. Aí saiu para outro cara”, recorda Jair, rindo com a coincidência de justamente um prêmio de tanto valor ter saído para um integrante da Mocidade. Não que isso fosse proibido, ou incomum. Afinal, grande parte das rifas era comprada pelos próprios componentes da agremiação. Contudo, para evitar comentários desagradáveis ou o surgimento de boatos de que a escola estava beneficiando seus membros, o melhor era tentar fazer a sorte encontrar outro ganhador.

Recorrer a doações também fazia parte das estratégias. Fosse dinheiro vivo ou objetos e bens materiais em condições de serem revendidos, valia tudo para aumentar a receita do caixa. E, como não houvesse tempo hábil para esperar doações espontâneas, o jeito era dar a cara à tapa e sair pedindo nas casas alguma contribuição. Quando BCC mencionou tal fato, um arrepio de emoção me tomou a espinha. Afinal, a equipe que realizava a coleta das importâncias não era pequena. Adultos, jovens, homens, mulheres; todos ajudavam como podiam. Uma prova de amor difícil de encontrar nos dias atuais. “Tinha várias meninas que entregavam um envelope pedindo dinheiro [no bairro], como a Ana do Zé Sapateiro e muitas outras pessoas também”.

Segundo Maria, entre os objetos coletados para revenda, o principal item se tratava de jornais. Também de porta em porta, ela e outras mulheres da escola andavam pelo bairro arrecadando as publicações para poder revender. Apesar dos esforços, porém,

a prática acabava não sendo muito lucrativa. Foi preciso então buscar ainda outro recurso capaz de complementar os baixos retornos. “O Dito Cabra tinha um livro de ouro. Ele saía no comércio arrecadando dinheiro também, e aquele livro a turma ia assinando e dando algum valor. Várias lojas chiques da cidade ajudavam”, ressalta Maria.

Os livros de ouro na época representavam o principal método para obtenção de doações monetárias e parcerias comerciais para instituições voltadas à cultura e ao lazer em geral. De times de futebol amador e escolas de samba, até creches e algumas igrejas, muitas entidades, campeonatos e eventos culturais se beneficiavam adotando um livro do tipo para arrecadar fundos para o que quer que fosse. Na Mocidade Independente, o livro de ouro ainda seria usado por vários anos nas campanhas dos desfiles posteriores para o mesmo fim.

A coisa, enfim, estava tomando forma. Recursos e pessoas já estavam sendo arrecadados e agregados, respectivamente, à nova escola. O último passo para finalmente tirar o sonho do papel seria também o primeiro: oficializar a inauguração da escola, frente à prefeitura e à comunidade, iniciaria também uma nova fase. A partir daquele momento estaria decretado o início do primeiro carnaval da primeira escola da vila Falcão.

---

**2**

**Alçando voo  
dentro e fora  
da avenida**

---

ÚLTIMA SEMANA DE JANEIRO. O carnaval parecia mais perto que nunca. Aquele encontro seria decisivo. Pouco mais de 80 pessoas estavam presentes na ocasião que marcou um acontecimento inédito para a vila Falcão: depois de tanto tempo, o bairro finalmente teria sua própria escola de samba. Do total de participantes da reunião, 21 constam como os fundadores diretos, segundo dados registrados em documentos oficiais da agremiação emitidos na época. O restante foi dividido entre membros efetivos e suplentes do conselho deliberativo. Faltava um nome. E, para que isso fosse resolvido, pensaram em uma maneira em que todos pudessem dar sugestões e, ao final, a denominação seria decidida pela vontade do acaso, inaugurando ali uma característica que se tornou intrínseca à escola ao longo dos anos: a cultura democrática. “Fizemos a reunião e botamos o nome de Mocidade Independente, escolhido por sorteio entre os vários nomes que sugeriram”, explica BCC.

Era 25 de janeiro de 1976. Nascia oficialmente a Mocidade Independente da Vila Falcão. O sonho de muitos, e o futuro de outros tantos daquela comunidade que se formara, composta principalmente por famílias. Era difícil encontrar alguém que participasse sozinho da escola, sem envolver qualquer outro parente

direto. “Na minha casa, por exemplo, saímos quase todos. Éramos em sete irmãos, e, desses, cinco saíram na escola. Da casa do Pé de Galo, do Unilson de Matos, que é o BCC, já saiu a família inteira. O pai, a mãe e todos os filhos participaram da escola. Isso era um peso positivo para outras pessoas que quisessem participar”, afirma Serginho.

E quiseram. Logo em seu primeiro desfile, a Mocidade Independente foi a escola que mais levou foliões para a rua. Na ocasião, a agremiação chamou muita atenção não apenas pelo tamanho, mas por vir muito mais organizada que as demais. “E ela apareceu já diferente. Porque se as outras tinham cerca de 50 pessoas, a Mocidade já devia ter centenas. E o que foi mais bacana na época é que eles vieram já com o passo marcado, principalmente a bateria”, descreve Tuba, que na época já fazia a cobertura dos desfiles pela rádio.

Para quem está habituado a acompanhar a festa que ocorre nos sambódromos de São Paulo e Rio de Janeiro pela televisão, imaginar a transmissão de um evento com tanta riqueza de detalhes pela rádio deve ser um exercício quase impossível. Entretanto, como na época o carnaval bauruense ainda não tivesse uma expressão significativa e a única rede de televisão da cidade — chamada na época TV Bauru — não possuísse estrutura adequada para cobrir os desfiles, ficava por conta das rádios o papel de divulgadora dos festejos. “No ano de 1972 eu comecei a trabalhar no carnaval. Meu pai na época era diretor da rádio Auri Verde, e a rádio cobria todo o carnaval de Bauru. É até gozado falar isso porque soa estranho fazer a cobertura de carnaval pelo rádio, porque não dá pra ver nada”, admite Tuba.

Mas o fato é que a história dos desfiles das escolas de samba de Bauru, principalmente durante o final da década de 1970 e

meados dos anos 2000 esteve muito vinculada à atuação da rádio Jovem Auri Verde junto ao carnaval. A emissora inaugurada em setembro de 1956, e que tinha como diretor o radialista Tobias Ferreira, pai de Tuba, era já realizava a cobertura do carnaval desde o tempo em que os clubes estavam no auge das festividades. “Eles descreviam o que estava acontecendo. Então tinha uma equipe da Auriverde que ficava em cada clube de Bauru. Primeiro eles iam para a avenida, transmitiam os desfiles de lá, e depois iam para os clubes e faziam flashes de cada um, dizendo quantas pessoas tinham e essas coisas todas”, descreve Tuba.

Além da transmissão dos desfiles, o vínculo da rádio se fortaleceu também graças à iniciativa de Tobias em criar um prêmio concedido às agremiações que se destacavam na avenida. Denominada Tamborim de Ouro, a condecoração premiava as escolas em quesitos individuais, como comissão de frente, fantasias e adereços, samba-enredo, entre outros. Mais do que um troféu, o Tamborim de Ouro serviu para estimular a competição entre as escolas, o que beneficiou o carnaval no sentido de promover a evolução da qualidade técnica dos desfiles em diversos aspectos.



APESAR DO TEMPO RESTRITO para terminar de ajeitar tudo antes dos desfiles — e com recursos financeiros limitados — a escola chegou à avenida Rodrigues Alves impecável, impressionando a todos. Mesmo o samba-enredo, que na verdade não era um samba-enredo, cativou quase que a totalidade dos que acompanharam o desfile, incluindo os próprios membros da agremiação. Como a escola havia sido fundada há pouco menos de dois meses para o carnaval, a possibilidade de promover um concurso para a esco-

lha do samba que seria defendido pela agremiação na avenida era nula. Contudo, um compositor universitário frustrado pego de surpresa surgiu como solução para o momento.

O jovem Milton Macedo não fazia ideia de que sua canção, intitulada *Escola dos Sonhos*, poderia um dia ser entoada por centenas de vozes durante um desfile de carnaval. Na realidade, a música não foi sequer elaborada para isso. Estudante de engenharia na época, Milton buscava prestígio em outra competição quando resolveu compor o samba. “Foi na verdade um samba feito para o Futebê (Festival Universitário da Terra Branca), do Milton Cavalcante Macedo, engenheiro. O Milton morava na quadra 12 da Albuquerque Lins. O apelido dele era Bugrão. Era nosso amigo, tocou na fanfarra com a gente. Estudava na ITE e depois na Fundação. E ele fez o samba pra esse concurso”, explica Jair.

Com a composição em mãos, Serginho se encarregou de adaptar o arranjo da obra para dar uma cara mais carnavalesca e deixá-la com a empolgação e a emoção que a escola precisaria para casar com o desfile que estava sendo preparado e contagiar o público que estaria assistindo. Deu certo. Puxada pelo intérprete Celso Martins, que por muitos anos defendeu a Mocidade Independente na avenida, a música marcou de tal forma a comunidade que, até hoje, Serginho ainda entoa a letra do que se tornou o primeiro samba-enredo da escola quando é convidado para se apresentar em eventos na quadra da atual Mocidade Unida, para aquecer os velhos corações dos membros remanescentes dessa época de ouro. E não à toa: foi com a canção *Escola dos Sonhos* que a Mocidade Independente, em seu primeiro carnaval, conquistou seu primeiro título de muitos que viriam a seguir.

Mas Milton Macedo não foi o único pego de surpresa nessa história. O início da relação de Jair Odria com a Mocidade Independente também se deu de maneira um tanto quanto inesperada, pelo menos no que diz respeito à função que desempenharia na agremiação. Apesar de ser um dos que aspiravam a formação de uma escola de samba da vila Falcão, Jair não contava que, logo no após a fundação da mesma, ele estaria ocupando o cargo mais alto. Na época, era ainda diretor da escola estadual Antônio Xavier de Mendonça, localizada na vila Industrial, instituição que ficou conhecida graças à sua banda marcial. O conjunto musical se destacava na cidade pela alta qualidade técnica, a despeito da pouca idade da maioria dos integrantes. Enquanto diretor do colégio, Jair era também, por consequência, responsável pela banda e seus instrumentos, algo que muito interessava a uma escola de samba em formação. “Nós não tínhamos condição de comprar instrumentos, aí convidamos o Jair Odria, porque ele trabalhava numa escola e eu tocava na banda dela”, admite BCC.

O diretor do Xavier de Mendonça até tentou resistir, mas acabou concordando. Nem mesmo a esposa e os filhos pequenos, que foram um dos argumentos de Jair para tentar negar o convite, conseguiram sustentar a posição contrária ao envolvimento com a Mocidade. “Eu era recém-casado, e tinha uma filha de três anos, a Ana Paula, e o André Luis ia fazer dois anos. Então eles vieram na minha casa e me convidaram para ser diretor da Mocidade. E eu não quis aceitar, por conta dos dois filhos pequenos e tal. Aí minha mulher falou pra mim ‘Você gosta disso, assumo’”, confirma Jair. Foi o suficiente. Na semana seguinte, o ex-diretor de escola já participava de sua primeira reunião como primeiro presidente da Mocidade Independente da Vila Falcão.



*Jair Odria (à direita, de amarelo) como presidente da Mocidade Independente da Vila Falcão, recebendo troféu das mãos de Tobias Ferreira, radialista e criador do Tamborim de Ouro. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*



NEM MESMO A PESSOA MAIS OTIMISTA da agremiação contaria com um desfecho tão positivo: além de campeã do carnaval de Bauru logo em seu primeiro desfile, a Mocidade conquistara também a admiração de uma cidade inteira. Não havia quem não comentasse a performance da escola na avenida após os desfiles de 1976. A animação contagiante dos numerosos foliões - em comparação às outras escolas que desfilavam na época - e o luxo das fantasias e carros, ainda que preparados em cerca de apenas três semanas antes do carnaval.

Tudo isso contribuiu, para que, em 1977, ainda mais pessoas resolvessem se envolver, participar e atuar junto à agremiação.

De moradores natos da vila Falcão a membros da mais alta classe bauruense, todos queriam ver o que era e o que fazia a Mocidade Independente tão diferente, grande e mágica. E, é claro, sentir na pele a energia e a sensação de fazer parte de tudo aquilo. “No segundo ano da Mocidade a escola já tinha mais de 400 pessoas na rua. É uma coisa que não se tinha”, destaca Serginho.

Essa mistura de indivíduos de diferentes nichos foi, segundo ele, uma das características principais da escola e um dos motivos mais relevantes para que a Mocidade Independente fosse e seja, ainda nos dias atuais, considerada uma revolucionária do carnaval bauruense. “E foi uma coisa muito bonita, porque a Mocidade, com o seu nascimento, conseguiu agregar. As pessoas que gostavam de carnaval na cidade se aproximaram da escola. Então o nome era Mocidade Independente da Vila Falcão, mas não era só a Falcão. Nunca foi”, afirma.

Ao misturar indivíduos de diferentes bairros, realidades e contextos, a agremiação acabou desempenhando também papel fundamental da divulgação do carnaval nos mais diversos segmentos e círculos sociais da cidade, ajudando a derrubar, ainda que aos poucos, uma barreira espessa: o preconceito. “Porque até então o termo escola de samba em Bauru era duvidoso, no que diz respeito a quem saía. O pessoal ia para ver, mas só pra ver. Não queria se misturar. Havia um preconceito fortíssimo. Inclusive eu digo porque saía nas baterias das outras escolas com o Pé de Galo, meu irmão e o Valtinho. E a gente colocava máscara do Zorro e chapéu na cabeça para não sermos identificados, tamanho o preconceito que se tinha. E eu acho que o maior feito da Mocidade foi esse, de mudar essa visão de preconceito em relação ao carnaval e sobre quem participava do carnaval”, descreve o músico.

Mas, além das mudanças relacionadas à aceitação da cultura das escolas de samba no município, a Mocidade também foi responsável por instituir novos padrões de desfile, os quais as outras agremiações se viram forçadas a seguir caso quisessem competir de igual para igual e se desenvolver enquanto escola. “Porque até aquele momento você tinha apenas escolas de samba muito precárias. O surgimento da Mocidade Independente fez com que esse modelo de escola de samba mais luxuoso e com bastantes alas fosse introduzido aqui”, aponta Carlos Roberto Grandini, professor universitário que começou a participar da Mocidade Independente em 1978 e ainda hoje continua na ativa, como diretor financeiro da Mocidade Unida.

Como tivesse uma estrutura basicamente idêntica à das grandes agremiações cariocas, com mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente e carros alegóricos bem elaborados, não havia como manter o mesmo nível se o restante das concorrentes não apresentasse um desfile de proporções parecidas. Com isso, novas escolas foram surgindo, e alguns blocos importantes da cidade acabaram se tornando escolas, como foi o caso do Camisa 10 e do Nega Maluca, que mudou de nome para se transformar na Acadêmicos da Cartola, fundada em 13 de março de 1976, principal rival da Mocidade na avenida desde então.



AQUELA VELHA HISTÓRIA DE QUE NÃO EXISTE SEGREDO ou fórmula para o sucesso com certeza seria contestada por qualquer membro da Mocidade Independente se questionado sobre como a escola chegou tão longe em tão pouco tempo. É unanimidade entre a velha guarda da agremiação o orgulho pela equipe

formada quando tudo começou. Além de ser composta por indivíduos extremamente competentes em suas respectivas funções, cada um dedicava até a última gota de suor para fazer a Mocidade entrar na avenida. E para ganhar.

Não são poucos os exemplos que compõem a memória coletiva dos participantes da antiga escola quando o assunto é dedicação ao pavilhão. Nesse sentido, uma das maiores provas de amor vinha do barracão de alegorias. Mesmo Allison Talon Carlos, atual vice-presidente da Mocidade Unida, pertencendo a uma geração um pouco mais nova de membros da escola, também possui a memória repleta de momentos e fatos marcantes que ajudam a explicar um pouco do que foi esse período de auge da agremiação.

Independentemente do enredo escolhido para aquele ano, a escola inteira já esperava que os homens do barracão de alegorias montariam carros lindos e surpreendentes. E o tempo que isso levaria definitivamente não era um problema. “E esse pessoal todo que trabalhava no barracão cada um tinha uma profissão diferente, e muitos deles, quando chegava na véspera do carnaval, tiravam férias nas empresas em que trabalhavam só para ficar no barracão praticamente 24 horas, para se dedicar à escola. Nas últimas semanas [antes do desfile], o pessoal virava a noite no barracão para fazer as alegorias”, revela.

Aliás, adaptar a própria rotina para cumprir com os compromissos e finalizar a preparação a escola a tempo não era algo incomum. Léa Martins Francisco Ferreira Gomes, secretária e apresentadora de televisão ao lado de Tuba, seu marido, conta que Dito Cabra, um dos fundadores da Mocidade Independente, costumava ceder sua casa para que fossem cortadas e distribuídas as fantasias de quase toda a escola. Por conta disso, ele e a

esposa acabavam trocando o quarto pela sala, para que as roupas ficassem em um local com entrada restrita, e onde os foliões pudessem ter privacidade na hora de provar as peças. “O Dito não dormia na cama dele. Ele dormia no sofá da sala, porque em cima da cama ficavam as fantasias prontas estendidas. E também porque era no quarto dele que o pessoal entrava para experimentar as roupas”, detalha.



*Um dos carros da Mocidade Independente da Vila Falcão no desfile de 1979, premiada com o Tamborim de Ouro de melhor alegoria do carnaval bauruense. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

A atenção às crianças da agremiação também foi um diferencial. Segundo Beto, a Mocidade Independente possuía uma ala voltada exclusivamente aos pequenos. “Tinha uma senhora

de quem eu me lembro bem, a Yá, que tomava conta da ala das crianças, que era uma ala bastante característica dentro da escola. Praticamente todo mundo passava por ali primeiro. Hoje, se você conversar com muita gente que está na faixa dos 30 ou 40 anos, com certeza começaram desfilando na ala da Yá. Ali você começava a formar”, pontua. Através do envolvimento dos mais novos desde cedo com o carnaval, a escola da vila Falcão não apenas apostava em novos integrantes para compor e conduzir as atividades da agremiação no futuro, mas também contribuía para a perpetuação da cultura dos desfiles dentro da cidade.

E o resultado de todo esse trabalho e esforço conjunto era sentido diretamente na avenida: desfiles impecáveis, com fantasias luxuosas e carros com alegorias impressionantes, apesar dos poucos recursos disponíveis na época. Não à toa, a Mocidade Independente da Vila Falcão sagrou-se campeã de seis carnavais consecutivos (1976 a 1981) desde sua fundação, o que contribuiu para a construção e perpetuação da imagem e do nome da escola enquanto uma das mais importantes de Bauru.



O MAIS IMPRESSIONANTE, PORÉM, NÃO FOI APENAS o número de títulos conquistados em tão pouco tempo de vida dentro do carnaval. Na verdade, o que mais chama a atenção é o fato de a escola ter se desenvolvido da maneira e com a qualidade que o fez mesmo sem ter uma sede própria. Durante toda a década de 1970 e na maior parte da década de 1980, a Mocidade Independente, assim como outras escolas de Bauru, não possuía um local fixo para chamar de sede. Logo, todas as atividades da agremiação eram realizadas em locais improvisados, como a

casa dos próprios membros, ou imóveis alugados para a realização de eventos.

“Teve uma época que eu me lembro que os instrumentos da bateria eram guardados na casa da tia Zilda. E aí tinha uma ribanceira, um terreiro na rua Albuquerque Lins, onde aconteciam os ensaios de rua, em frente à casa do Dito Cabra”, exemplifica Cristina, atual presidente da Mocidade Unida. A bateria era a ala da escola que mais sofria com a falta de uma sede própria para a realização dos ensaios. Para não comprometer a preparação para o desfile, a busca por espaços alternativos onde pudesse ser realizada a “batucada” era constante.

O regulador de sinistros aposentado Oscar Simões Carvalho Filho começou a desfilhar na Mocidade Independente em 1978, e lembra bem desse período. Segundo ele, o bom desempenho da bateria na época era fruto de muito esforço e dedicação de todos, pois não ter um local definido para tocar acabava tornando o processo muito mais difícil. “Não tinha uma sede, não tinha nada. A gente ensaiava no posto de gasolina, ou dentro do Luiz Castanho de Almeida [escola estadual]. Ali ainda era bom, porque se chovesse era só ir pra baixo do pátio”, recorda. Oscar ainda ressalta que esses empecilhos não permitiam que fosse realizado um trabalho mais extenso ao longo do ano, impossibilitando um trabalho focado no desenvolvimento da técnica dos ritmistas, por exemplo. Por muitos carnavais, a bateria precisou enfrentar tribulações para conseguir desfilhar. “A gente ensaiava muito pouco. Teve época que nós chegamos a ficar, em janeiro, uma semana ou duas sem ensaiar por conta das chuvas, pois não tínhamos onde ensaiar. Aí tinha que pegar de fim de semana também”, completa.

O mesmo funcionava para as alegorias. Foi na casa dos pais de Léa, o senhor Alziro Francisco — que havia feito parte da

escola de samba do Noroeste — e da senhora Glória Martins, costureira, que nasceram os primeiros carros alegóricos com os quais a escola da vila Falcão desfilou, em 1976. “O primeiro barracão da Mocidade Independente foi no quintal da minha casa. Subi em muito carro alegórico. Na época, usava rodinha de rolimã ainda. Mas também não levava gente, era só as alegorias”, recorda a esposa de Tuba, aos risos, enquanto coloca o cigarro na boca para mais uma tragada. Entretanto, devido a fatores como a dificuldade de locomoção das estruturas dos carros — grandes e pesadas demais —, e a prevenção contra o furto e a deterioração dos materiais utilizados para confeccionar as alegorias, não houve saída para a escola senão passar a alugar locais específicos para servir de barracão.

A ausência de uma sede também gerava outro problema para a escola: a dificuldade para captação de recursos. Medidas como o livro de ouro, arrecadações de porta em porta e a venda de rifas ainda continuaram fazendo parte das estratégias de levantamento de verbas para a Mocidade Independente. Contudo, a cada ano também aumentava o número de foliões nos desfiles e, conseqüentemente, o gasto com materiais, alegorias e instrumentos. A solução foi começar a investir em eventos, que inicialmente ocorriam na rua mesmo, em frente à casa de algum membro da escola. Contudo, as reclamações dos vizinhos por conta do barulho e a falta de infraestrutura obrigou a diretoria a recorrer a espaços alugados para sediar os festejos.

De acordo com Maria e BCC, as instalações da Instituição Toledo de Ensino (ITE) foram uma das que acolheram os encontros promovidos pela Mocidade Independente. “Aquele salão de festas, ou salão de reunião dos estudantes que eles têm lá, era emprestado para nós para fazermos nossos eventos para escolha

de samba-enredo. Fizemos também um baile lá no ginásio de esportes da ITE”, comenta BCC. A agremiação se utilizou ainda de mais três imóveis, em locais distintos do bairro, para promover seus eventos. Um deles se tratava de um salão localizado em frente ao prédio da Diretoria de Ensino, onde hoje está um posto de combustível. Em seguida, migraram para o cruzamento da rua Campos Salles com a rua Martin Afonso, próximo ao supermercado Confiança Falcão. Ali, com o aumento da popularidade das festas realizadas pela escola e por haver um bar dentro do salão, os ganhos começaram a crescer, possibilitando a mudança para um espaço maior o que, conseqüentemente, traria ainda mais lucro.

“Mudamos lá para a rua dos Andradas. Aí lá já era mais amplo. Ficava na esquina da igreja São Benedito, onde vende peças de carro hoje. Se você entrar lá vai ver que tem um piso com um falcão no chão, que o Celso Pé de Águia que fez. Ali nós ficamos muito tempo. Nós fizemos um bar no fundo, fazíamos jantar, ‘Boneca Viva’, ‘Miss Negra’, ‘Príncipe Negro’, ‘Miss Simpatia’. Todos os eventos que a galera inventava nós fazíamos lá”, detalha o ex-integrante da escola.

Segundo Tuba, um evento em especial ficou marcado depois que a Mocidade se mudou para o salão da rua dos Andradas. Contudo, acabou abrindo margem para que outro investimento fosse inaugurado no local, visto que o principal intuito — que era levar as pessoas para o salão — não obteve muito êxito. “A escola tinha um evento que pegou, que era a feijoada de sábado à noite. E vendia muito, mas a maioria das pessoas buscava e ia comer em casa, não ficava. Aí els me arrendaram esse lugar, que era da Mocidade independente. Nós continuamos com a feijoada, mas eu lancei o ‘Clube da Seresta’, no mesmo lugar. Foi um sucesso na época”, se vangloria o radialista.



JUNTAMENTE COM A MOCIDADE INDEPENDENTE, crescia também o carnaval bauruense. Desde o nascimento da escola da vila Falcão, os folguedos já eram realizados na avenida Rodrigues Alves. Com a concentração entre as ruas Araújo Leite e Antônio Alves, e uma corda para separar o público dos foliões que se apresentavam, o espaço da principal avenida comercial do município começava a ficar pequena para o tamanho que as festividades estavam tomando.

Um dos primeiros desafios eram os semáforos. Os carros alegóricos, cada vez mais altos e exuberantes, começavam a correr o risco de causar algum acidente na via, ou ainda uma interrupção indesejada da festa, devido ao impacto das alegorias contra os sinalizadores de trânsito suspensos não muito acima de onde passavam as cabeças dos destaques que iam sobre os carros. Além de abrir margem para que alguém se machucasse, bater em um dos semáforos da avenida também traria, claramente, prejuízos à escola desfilante, o que seria completamente inaceitável por qualquer agremiação, visto que a disputa se acirrava cada vez mais na avenida.

Outro quesito que começava a fomentar o clima de descontentamento era a falta de infraestrutura para o público em geral. Além de não contar com arquibancadas para quem fosse assistir aos desfiles, a Rodrigues Alves também ficou marcada pela escassez de sanitários disponíveis à população. “Na época não existiam os banheiros químicos, e havia poucos bares na região. Então o povo não tinha como usar o banheiro, estava ficando complicado”, conta Tuba. Com o aumento dos protestos sobre as limitações impostas na Rodrigues Alves, a alternativa foi escolher outro local para que fossem realizados os desfiles.

No ano de 1982, o carnaval de rua de Bauru ganhou uma nova casa. “Aí os desfiles foram para a avenida Nações Unidas, que era uma novidade em Bauru, porque estava tudo começando naquela região. E ali o carnaval cresceu”, recorda saudoso o radialista. Plana, sem obstáculos como os semáforos e, principalmente, larga, a pista da nova via pública escolhida para sediar os desfiles caiu como uma luva tanto para os foliões quanto para o público. No caso destes, o canteiro central da avenida permitia a instalação de uma grande arquibancada, onde era possível comportar muito mais pessoas do que nas calçadas da Rodrigues Alves; e, ao mesmo tempo, do lado oposto às arquibancadas, os canteiros à beira da pista se elevavam até uma marginal paralela, formando “morros”, onde era possível sentar-se também para assistir aos desfiles.

Apesar da mudança tão aguardada e das diversas novidades que a passagem do carnaval para a Nações Unidas proporcionou, para a Mocidade Independente o ano de 1982 acabou não sendo um dos melhores de sua história. Era a primeira experiência de José Ricardo Scareli Carrijo, o Carrijo, enquanto presidente. Além da pressão comum de qualquer estreia, naquele ano a cobrança se agravou devido à expectativa de ver a Mocidade campeã logo na estreia da nova passarela, como havia sido na Rodrigues Alves. Mas não aconteceu. Apesar de realizar um desfile de beleza e qualidade impressionantes — conforme descreveu a maioria dos ex-integrantes que participaram no dia — a Mocidade alcançou apenas o terceiro lugar, na única vez em toda sua história em que não figurou entre as duas primeiras colocações do pódio. “Em 1982 era para ter sido o nosso sétimo título. Na minha opinião, e acho que na da maioria dos veteranos também, o maior carnaval feito pela Mocidade foi o daquele ano. Embora a escola tenha

## ALÇANDO VOO

feito outros carnavais homéricos, que eram de arrepiar. Mas esse teve um samba que foi chiclete”, declara Jair.

Os desfiles na avenida Nações Unidas não deixaram dúvidas também sobre o quanto o carnaval havia evoluído no município. Em 1983, a Mocidade Independente chegaria mais uma vez ao primeiro lugar do concurso. Contudo, após a conquista do sétimo título, a escola da vila Falcão viveu um jejum de cinco anos, até voltar a vencer em 1988, justamente quando Paulo Keller, considerado um dos melhores carnavalescos da história de Bauru e também da Mocidade, retornava à agremiação após período em que ficou afastado, defendendo outros pavilhões na avenida. Camisa 10, Cartola, Imperatriz da Bela Vista e Império da Nova Esperança foram as escolas que passaram a disputar diretamente e de maneira acirrada o troféu, aumentando assim a competitividade nos desfiles e forçando as escolas a buscarem alternativas cada vez mais inovadoras para se destacar.



*Foto noturna da Avenida Nações Unida, durante os desfiles de 1987.*

*Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

E o crescimento foi tanto que Bauru começou a ganhar destaque inclusive na capital do estado. As festividades já atraíam amantes do carnaval de toda a região fazia alguns anos. Segundo BCC, até mesmo agremiações de outras cidades vinham até aqui para participar dos desfiles. “Vinham escolas de fora de Bauru desfilando contra as daqui, como de Jaú e Pederneiras”, afirma. Contudo, depois que passou a ser sediado na avenida Nações Unidas, a fama prosperou ainda mais, chegando aos ouvidos de personalidades artísticas da época dos grandes centros urbanos, principalmente São Paulo.

Foi na nova passarela que a Mocidade Independente chegou a desfilando com quase 1500 foliões, e foi lá também que atores, atrizes e grupos musicais famosos daquele período visitaram Bauru durante os folguedos, apenas para poder desfilando com a Mocidade Independente da Vila Falcão. “Sempre saiu com bastante gente a Mocidade, e quem desfilava muito com a gente também era o Trio Los Angeles. A atriz Solange Theodoro, que é daqui, já desfilou também na Mocidade. Outro grupo que veio aqui e desfilou com a gente na avenida Rodrigues Alves foi o Três do Rio. Até um deles era baterista, aí nós montamos um carro só pra ele”, exemplifica Maria dos Reis.

Poder contar com essas participações ilustres nos desfiles era uma clara prova de que o carnaval bauruense já havia cruzado os limites do município havia algum tempo. Além disso, se mostrou também um estímulo a mais para que a arquibancada e os camarotes estivessem sempre cheios. Afinal, quem não gostaria de ver seu artista preferido desfilando pela sua escola do coração? E o melhor de tudo: ambos ganhavam com isso. “Bauru saía no Brasil inteiro. Então era mais fácil para essas celebridades serem vistas aqui pelo país do que em uma escola do segundo

## ALÇANDO VOO

grupo em São Paulo. Porque uma grande escola da capital talvez não tivesse a conotação que eles queriam e precisavam. E não tem como negar que eles vinham em busca do nosso prestígio, mas traziam o deles também. E soubemos aproveitar muito bem isso”, pondera Serginho.

---

**3**

**O fim  
súbito**

---

“E ASSIM IA, ‘DE VENTO EM POPA’”. A expressão de BCC representa bem o momento favorável que a escola vivia: equipes fortes em basicamente todas as alas e quesitos, trabalhos luxuosos e impecáveis na avenida que lhe rendiam títulos quase todo ano — ou no mínimo um segundo lugar —, e a admiração e respeito por quase a totalidade dos sambistas e da população de Bauru, que a reconheciam como digna de representar o bairro considerado à época como o reduto do samba bauruense.

Mas o auge maior ainda estava por vir: depois de alguns anos de negociação com o poder público, a prefeitura finalmente concordara em ceder um terreno a cada escola, para que pudessem construir uma sede própria. E a Mocidade Independente foi a primeira a receber o benefício. O local escolhido foi a quadra dois da avenida Daniel Pacífico, um terreno amplo, que comportaria facilmente um empreendimento que agregasse, no mesmo lugar, uma sede social e um barracão de alegorias. Uma praticidade e comodidade das quais, até o momento, a Mocidade nunca havia desfrutado em toda sua história.

A construção do prédio principal se deu em meados dos anos 1990. Com o nome de Laudino de Matos — em homenagem ao pai de BCC —, foi inaugurada uma quadra que atendia a

basicamente todas as necessidades da escola, de uma só vez. “No antigo barracão da Mocidade Independente, nós tínhamos uma bateria completa para 200 ritmistas. Tínhamos freezer, geladeiras, toda a infraestrutura de uma escola de samba. Tínhamos também seis bases de carros alegóricos”, recorda Allison.

As vantagens do novo espaço também favoreciam as finalidades sociais da agremiação. Os membros da Mocidade possuíam agora em mãos um espaço adequado para a realização de eventos de grande porte, em que seria possível agregar o máximo de pessoas possível e obter, conseqüentemente, maior volume de arrecadação para a escola. E assim foi feito.

Como já tivesse um nome consolidado no município, os dirigentes da agremiação resolveram começar a apostar em shows e festas maiores, trazendo inclusive ícones da música popular brasileira para Bauru. “Naquele barracão nós trouxemos a Leci Brandão”, exemplifica BCC. E, claro, também algumas personalidades do mundo do samba e do carnaval. “Veio também aquela senhorinha do cabelo azul, que era mulher do Cartola, a dona Zica”, completa.

Essa última, inclusive, é uma pessoa de quem muitos integrantes da escola recordam com carinho especial, como a própria presidente da Mocidade Unida. Sentada à minha frente, atrás da mesa de seu escritório, Cris fala sobre dona Zica sem esconder a admiração e felicidade por ter tido a oportunidade de estar pessoalmente com uma das fundadoras da verde-e-rosa, a Estação Primeira de Mangueira. “Ela ficou uns dias comigo em casa porque tinha vindo pra Bauru dar um workshop ou algo do tipo. Ela veio falar sobre o carnaval, mas não gostava de ficar em hotel, então precisavam de uma casa pra ela ficar. E eu tive essa honra de receber ela em casa. E eu fiquei apaixonada, porque era

uma senhora mística. Ela conseguia te envolver falando sobre o Cartola. Eu sempre gostei da Salgueiro, mas depois da visita da dona Zica passei a torcer para a Mangueira e para a Salgueiro. Foi muito bom”, relembra.



ASSIM COMO ASCENDERAM JUNTOS, o carnaval de Bauru e a escola da vila Falcão viram a decadência chegar mais ou menos no mesmo período. Segundo Carrijo, desde o ano de 1988, quando a Mocidade conquistou seu oitavo título, o poder público de Bauru já dava indícios de que não estava mais conseguindo arcar com os gastos da folia. Muito em consequência da situação econômica do país, que a partir daquele ano passou a sofrer com a constante hiperinflação, o saldo dos cofres públicos entrou em queda acentuada, e setores vistos como “menos importantes” passaram a ter os investimentos direcionados a eles como alvos de críticas, e a sofrer com a insegurança sobre o futuro dos financiamentos.

O carnaval foi um dos primeiros. Logo no ano de 1989, após os desfiles, o governo municipal alertou as escolas e blocos a cidade de que não haveria repasse de verbas para o ano seguinte. Contudo, a alegação era de que, com o dinheiro economizado, seria construído um sambódromo em Bauru. A oferta pareceu interessante, e as agremiações acabaram concordando em não receber o incentivo naquele ano. Mesmo assim, foi todo mundo para a rua.

Como que prevendo o que viria a acontecer cerca de dez anos após essa primeira pausa nos desfiles, a comunidade carnavalesca sabia o quão prejudicial era interromper, mesmo que por um período breve, as festividades. Por isso, a solução encontrada foi unir escolas e blocos em pequenas alas, cada qual com sua temática e

aproveitando fantasias de carnavais passados, sem qualquer carro alegórico, e desfilar. Mesmo sem a infraestrutura de arquibancadas e carros de som, o público compareceu para prestigiar o esforço dos sambistas em manter o carnaval bauruense respirando.



“QUANDO O PAULO MADUREIRA ME LIGOU um dia e falou que ia ter um sambódromo aqui, eu fiquei deslumbrado. Aí ele veio me buscar e nós fomos lá ver. Tava construindo ainda. Fiquei apaixonado quando vi aquela passarela toda”. O sentimento de Tuba refletia exatamente o que passou pela cabeça de basicamente todos os envolvidos com o carnaval. A promessa da prefeitura havia sido cumprida, e a cidade agora tinha seu próprio sambódromo. Empreendimento este que foi o segundo do tipo a surgir no Brasil. Antes de Bauru, apenas a capital carioca: o sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, havia sido inaugurado em 1984.

Foi logo no final do ano de 1990 que os bauruenses puderam pisar pela primeira vez em sua passarela do samba. Com direito a queima de fogos e desfile simbólico de algumas agremiações, a festa de inauguração do Sambódromo Municipal Guilberto Carrijo lotou. E, em fevereiro de 1991, ocorreu o primeiro carnaval oficial de Bauru dentro da nova casa. Contudo, a paralisação do ano anterior acabou prejudicando o andamento de algumas escolas que, por consequência, não conseguiram fazer sua estreia no sambódromo.

Sem incluir os blocos, apenas quatro agremiações desfilaram em 1991. Entre elas, estava a Mocidade Independente, que acabou conquistando seu décimo título do carnaval bauruense. Por trás

## O FIM SÚBITO

da boa atuação no sambódromo, porém, a escola escondia alguns problemas de caráter principalmente político, mas também financeiros, que aos poucos corroíam todo o cerne da escola, desde a união da equipe de trabalho até o aparato técnico e estrutural do qual se aproveitava para levar desfiles exuberantes para a avenida.

A partir do ano de 1986, alguns conflitos de interesse entre os dirigentes da escola começaram a criar um clima de tensão na agremiação, que só foram parcialmente estabilizados por meio de uma decisão um tanto quanto peculiar. “Teve uma época que fizemos uma reunião de votação, e ao final tivemos que colocar quatro presidentes, que foram o Jaime, o Carlão, o Romanholi e o Breno. Aí foram crescendo as desavenças”, recorda BCC. O ano era 1987, e a Comissão Dirigente, como foi intitulado o grupo que assumiu a presidência da escola durou apenas um carnaval, no qual conseguiu levar a escola ao vice-campeonato.



*Desfile da Mocidade Independente da Vila Falcão no carnaval de 1986, quando foi vice-campeã sob a direção de uma Comissão Dirigente. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

Após um período de aparente tranquilidade, a partir dos anos 1990 os integrantes da Mocidade viram de perto a escola entrar em uma fase de decadência permanente, a começar pela perda de alguns personagens importantes, que vieram a falecer ou tiveram de se afastar do carnaval por motivos diversos. Oscar foi uma dessas pessoas. Logo no início da década, deixou a bateria da escola e passou a se dedicar apenas aos bailes da cidade, onde se apresentava com alguns grupos e bandas. Na mesma época, Beto também acabou se afastando. “Eu casei em 1990 e logo em seguida fomos morar fora de Bauru, então eu parei de me envolver com o carnaval daqui. O último ano que eu participei foi 1989”, lamenta o professor universitário.

Serginho também precisou deixar tudo para trás por um período. Requisitado pela companhia de estradas de ferro na qual trabalhava, foi transferido para o município de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, e em seguida para Araçatuba, no interior de São Paulo. E, quando finalmente retornou a Bauru, tudo já havia mudado completamente. “Houve um momento em que eu tive que sair de Bauru, no ano de 1991. E a partir daí eu me afastei, porque fiquei muitos anos fora, não tinha como estar participando mais. E aí logo que mudei para cá de novo, já estava naquela fase que tinha acabado o carnaval de rua”, relembra, com notável tristeza na voz.



DEPOIS DE INAUGURADO O SAMBÓDROMO, a situação financeira da prefeitura passou a ficar cada vez pior, e ano após ano a possibilidade de haver redução ou corte total das verbas destinadas às escolas de samba aumentava. Carrijo conta que a gestão

municipal da época tentou criar uma estratégia que incentivasse as agremiações a buscar maneiras de alcançar a independência financeira, a fim de tentar evitar o desfecho iminente: o montante recebido por cada escola para o carnaval seguinte dependeria do número de foliões que entrassem na avenida no carnaval do ano corrente. Contudo, já era tarde demais.

Mesmo promovendo eventos distintos para aumentar os lucros que seriam destinados a investir nos desfiles, as escolas e blocos bauruenses ainda eram muito dependentes da verba pública. E demoraram a perceber que, na conjuntura da época, as chances de o subsídio ser mantido por muito mais tempo eram mínimas.

Com os repasses sendo feitos cada vez mais em cima da hora, mais difícil passou a ser a organização dos desfiles com o luxo e a grandiosidade habituais. O carnaval foi perdendo qualidade, e o posicionamento tardio e muitas vezes negativo do governo municipal aumentou a incerteza e a insegurança sobre os participantes da folia. Na metade da década de 1990, foi criada uma liga, a LESEC (Liga das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas), com o intuito de organizar os desfiles e promover ações que auxiliassem as escolas na obtenção de recursos e verbas. Porém, o órgão não ganhou força frente ao poder público, e acabou tendo seu foco desviado dos objetivos pelos quais havia sido fundada. Segundo Carrijo, “tinha mais como objetivo brigar por verbas do que assumir a responsabilidade sobre a organização do carnaval”.

Em agosto de 1998, uma surpresa lastimável: Antônio Izzo Filho, prefeito de Bauru na época, tem seu mandato cassado e é afastado do cargo sob acusação de cobrar propina dos diretores da Empresa Circular Cidade de Bauru (ECCB). Apesar de ter sido autorizado, por decisão judicial, a reassumir o cargo já em dezembro do mesmo ano, os conflitos entre a prefeitura e

a câmara municipal desencadeadas pelo episódio tiveram como uma de suas consequências, a não realização do carnaval em 1999. Daquele ano em diante, o cenário apenas piorou e, após dois anos de desfiles totalmente empobrecidos e improvisados, no início de 2002 veio o decreto: não seriam mais destinadas verbas públicas ao carnaval de Bauru. Estava tudo acabado.



NA MOCIDADE INDEPENDENTE, as coisas também iam de mal a pior. Documentos de março de 1993 da agremiação relatam a descoberta de irregularidades no que diz respeito à prestação de contas da escola, algo que todas as gestões anteriores sempre se esforçaram para que tivesse o máximo de transparência possível. Além de um “desfalque”, como o documento menciona, de 9.000 cruzeiros (moeda em circulação na época) no caixa da agremiação constatado em agosto de 1992, outras movimentações suspeitas também foram identificadas. Um exemplo são os “casos de compra de materiais em que o valor do cheque, importância elevada, diga-se de passagem, não corresponde ao valor do documento apresentado”, conforme consta no relatório analisado.

Ao fim do mesmo ano, a gestão na qual foram descobertas as primeiras irregularidades chega ao fim, sem um desfecho para o caso. Durante os dois anos seguintes, a escola ainda pode desfrutar de bons momentos: em 1994, encerrou uma sequência de títulos iniciada em 1991 e, em 1995, apesar de não ter saído vitoriosa, entrou na avenida com um enredo belíssimo, em homenagem aos 25 anos do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo (HRAC/USP), o Centrinho.

A partir de 1996, contudo, o drama voltou a ser realidade na quadra dois da avenida Comendador Daniel Pacífico. Jaime Silva, o homem pelo qual a Mocidade Independente havia sido presidida de 1991 a 1993, concorreu novamente na eleição pelo cargo e saiu vitorioso. O que ninguém esperava, porém, era a mudança brusca de postura que ele adotaria no novo mandato. “Ele não quis mais saber de entregar essa escola pra ninguém. Virou uma espécie de ditador, muito autoritário, não quis mais passar o cargo”, relata Cris, expressando certo assombro no olhar ao lembrar do período em questão.

Em pouco tempo de gestão, Jaime conseguiu afastar muitas pessoas da escola, que apesar de não concordarem com suas ideias e ações, também não queriam seguir brigando. Outras, porém, continuaram persistindo, na tentativa de não deixar a escola afundar, tendo em vista o panorama desfavorável que se desenhava, inclusive no carnaval da cidade como um todo.

Mas os problemas internos refletiam diretamente no desempenho na avenida. “O carnaval de 1996 já foi extremamente complicado”, relata Carrijo. De acordo com Cris, era muito difícil ele aceitar ideias com as quais não concordava, o que dificultava muito o trabalho de quem continuava disposto a atuar pela escola. “Antes de declinar, eu entrei e comecei a trabalhar junto com o Jaime Silva. Mas era uma pessoa que não tinha condições de trabalho. Ele não te deixava desenvolver o que você queria. As coisas tinham que ser todas do jeito dele”, lamenta.

Aos poucos, membros importantes da Mocidade começaram a abandonar a agremiação, ao perceber que a situação não iria melhorar. Com o carnaval em decadência e a escola com a equipe inteira desestruturada, o único desfecho aparente era o fim. “No final dos anos 1990, houve uma cisão. Dessa cisão, um grupo

preferiu não participar mais, e o grupo que ficou na diretoria não tinha qualidade para colocar a escola na rua, e não deixava entrar as pessoas que realmente faziam isso acontecer”, descreve Allison.

Com tom de voz levemente alterado, de quem ainda se revolta ao lembrar de todo o ocorrido, o empresário e vice-diretor da Mocidade Unida é categórico ao descrever o momento em que o fim da Mocidade Independente se consolidou dentro do carnaval. “O ano de 2000 foi o último carnaval competitivo, e em 2001, com o enredo *A Era de Aquarius*, foi o fim. A ponto de ter uma ala com 30 fantasias e na hora não ter ninguém para desfilar com elas”, destaca.

“Ele desmoralizou a escola!”. Maria também fica indignada ainda ao lembrar do fim da Mocidade Independente. Ela conta que, na época, ficou completamente desconcertada ao ver uma escola daquele tamanho sucumbir de maneira tão degradante. “Colocou um carnaval na avenida que era só trapo. As baianas estavam com a roupa tudo rasgada. Saiu todo mundo chorando, porque antes as baianas da Mocidade eram lindas, aquela roupa tão branca que parecia coco. Eram cerca de 30 a 40 baianas na avenida, e tiravam só nota 10”.

---

O FIM SÚBITO



*Ala das Baianas da Mocidade Independente da Vila Falcão, em desfile na avenida Nações Unidas. Foto: Tuba Ferreira/Acervo pessoal*

**4**

**Recomeço**

---

OTTO ANOS. Oficialmente, esse foi o período que os desfiles das escolas de samba de Bauru ficaram sem constar na agenda da Secretaria de Cultura do município. Contudo, algumas agremiações, não aceitando o fim das atividades no sambódromo, continuaram promovendo desfiles em seus próprios bairros de origem durante a época da festa de Momo.

A escola Azulão do Morro, do parque Jaraguá, é o principal exemplo. Mesmo com a interrupção completa dos desfiles, em 2002, o carnaval continuou normalmente por ali. Percorrendo as ruas do bairro, os foliões se encarregavam de levar a beleza e a alegria para o público que comparecia assistir ao ato de resistência que acontecia em frente às suas casas.

E dar continuidade ao carnaval, mesmo que por conta própria, era apenas uma das formas utilizadas por essa escola para chamar a atenção do público — e, claro, do poder municipal —, para o desejo de que fossem retomadas as festividades em Bauru. Juntamente com os membros remanescentes de outras escolas tradicionais da cidade, como a Coroa Imperial e a Tradição da Bela Vista, os foliões do Azulão do Morro também faziam pressão junto à prefeitura. Tanto que foram eles os responsáveis por puxar a primeira tentativa de restabelecer os folguedos em Bauru.

Era 22 de fevereiro de 2009, domingo de carnaval, quando a avenida Nações Unidas recebeu novamente, depois de quase duas décadas, um desfile de escolas de samba. Nada comparado ao espetáculo que lotava as vias durante a década de 1980, mas com significado tão grandioso quanto. Os blocos e escolas que se uniram para realizar aquele desfile mostraram que, apesar de debilitado, o carnaval bauruense ainda pulsava em muitos corações. Segundo dados da Polícia Militar na época, cerca de 10 mil deles, que acompanhavam atentos o sambar dos foliões e vibravam a cada batida dos surdos que atravessavam a avenida.

Na ocasião, cinco blocos abriram a festa, seguidos das escolas de samba. Dessas, a única que desfilou sozinha foi a Azulão do Morro, como que para mostrar que era ela a grande responsável por tudo aquilo estar acontecendo de novo. Após a agremiação do Jaraguá, uma surpresa: denominada Grande Escola, entrou na avenida um grupo composto por integrantes da Águia de Ouro, da Coroa Imperial, Tradição da Zona Norte e a Mocidade Independente da vila Falcão.



APESAR DE TOTALMENTE QUEBRADA e desestruturada, e mesmo depois de muito tempo, a Mocidade Independente continuava sob a direção da mesma diretoria com a qual afundara, na mesma época em que o carnaval na cidade chegou ao fim. E, com os desfiles dando indício de que tudo voltaria à ativa, eles viram a oportunidade de retomar também as atividades com a escola. O intuito, porém, não eram os desfiles em si, muito menos a realização de uma festa digna e bela. “Só queria pegar o dinheiro da prefeitura”, alega Maria.

## RECOMEÇO

Tanto que, em 2010, quando o carnaval voltou oficialmente para o sambódromo, a Mocidade não participou da festa. E, em 2011, apesar de ter anunciado publicamente sua volta e gerado, com isso, grande expectativa tanto por parte de quem estaria na arquibancada quanto dos que haviam se proposto a desfilar pela escola, o pior aconteceu: a diretoria da agremiação não compareceu, e deixou aflitos os foliões que, ansiosos na concentração do sambódromo, acabaram não entrando na passarela pois não havia carros alegóricos ou intérpretes, e faltavam até mesmo algumas fantasias. Por não conseguir participar, apesar de ter sua inscrição realizada para que pudesse desfilar naquela noite, a Mocidade Independente foi desclassificada do carnaval daquele ano.

O episódio foi narrado inclusive na edição do dia seguinte do *Jornal da Cidade*, principal veículo impresso do município. A repercussão negativa deixou os antigos membros da escola completamente abalados. “No primeiro carnaval depois da volta, eu olhei aquilo lá e saí chorando. Teve um ano que ele nem saiu. Chegou na concentração o carro tava sem nada, limpo, só ‘no ferro’”, descreve, com tristeza, BCC. Ao saber da retomada dos desfiles na cidade, fez questão de ir até o sambódromo para acompanhar a festa. Ainda lhe restavam esperanças de voltar a ver a Mocidade Independente brilhando na avenida novamente. Entretanto, após presenciar o constrangimento pelo qual a escola que ajudou a fundar passou naquele ano, percebeu que não havia mais jeito. Desde então, BCC nunca mais se envolveu com o carnaval.

E não foi o único. Após o fim dos desfiles e o desmonte da Mocidade, diversos ex-integrantes da escola também abandonaram para sempre os folguedos. Alguns mudaram de cidade, e outros ainda escolhiam outras localidades para passar os dias da festa de Momo, para tentar esquecer a tristeza de não poder pisar

mais na avenida. “Nesse período em que não houve Mocidade, eu nunca fiquei um carnaval em Bauru. Nunca desfilei por outra agremiação, nem bloco. Minha camisa é só Mocidade. Então, como não tinha mais, eu ia viajar”, confirma Allison.

Antes de entregar totalmente o jogo, porém, houve um grupo que ainda tentou retomar a escola das mãos de Jaime e sua diretoria. As estratégias incluíram, inicialmente, tentativas de diálogo com os dirigentes da agremiação. Mas, não havendo uma reação positiva ou que indicasse que seria possível no mínimo chegar a um acordo, recorreu-se até mesmo a medidas judiciais.

“Ele modificou o estatuto de tal forma, que acabou se apropriando da agremiação. Ou seja, era impossível formar uma chapa para concorrer a uma eleição para retomar a Mocidade Independente. Ele se cercou de todos os lados, como um dono, e aí não tinha o que fazer. Se apropriou e não deu continuidade, foi para uso próprio. Houve tentativas judiciais de tentar retomar esse CNPJ para tentar arrumar isso tudo, mas nem dessa forma conseguimos isso. Logo, a única alternativa, para quem gosta, era fundar uma nova escola”, desabafa Allison.



HOUVE AINDA AQUELES QUE PERMANECERAM firmes no carnaval, porém em outras agremiações, acuados pelos acontecimentos que assombraram a Mocidade, mas ainda assim com o desejo de continuar participando dos desfiles. Cris foi uma delas. Basicamente criada desde menina dentro do carnaval, tanto o de rua quanto os dos clubes, não seria fácil para ela abandonar totalmente as festividades. Com o fim da escola da vila Falcão, Cris resolveu ajudar uma amiga, cuja escola ainda resistia ao trágico

## RECOMEÇO

fim dos folgedos bauruenses. “Eu fui trabalhar com o Azulão do Morro. Minha amiga Cidinha era presidente de lá, e eu fui ajudá-la. Primeiramente ajudei puxando a escola como harmonia, e depois apresentando o casal de mestre-sala e porta-bandeira”, explica a presidente da Mocidade Unida.

Após o período com a agremiação do parque Jaraguá, Cris tentou se aventurar em uma nova empreitada. Inspirada pela movimentação que nascia em prol da retomada dos desfiles carnavalescos na cidade, ela resolveu, juntamente com sua tia Maria dos Reis e outros membros da família, fundar a própria agremiação. “Em 2008 nós resolvemos fundar um bloco, chamado Unidos do Samba, que era só da minha família”, comenta.

O grupo começou bem, com uma bateria organizada, enredos e alegorias bem elaboradas e belas fantasias, e desfilou por dois anos no sambódromo depois da retomada do carnaval. Contudo, acabou não vingando por muito tempo. Segundo Cris, a alta demanda de trabalho e o investimento caro necessário para suprir os gastos do bloco acabaram inviabilizando o projeto. “Meu bloco não durou muito não, porque bloco dá trabalho e dá muitos gastos”, lamenta. O que ela não esperava, porém, é que logo estaria envolvida em uma nova agremiação, que, na verdade, já era bem conhecida de todos.



A VILA FALCÃO PRECISAVA DE UMA NOVA ESCOLA. Esse pensamento começou a ganhar força logo que os desfiles voltaram a acontecer no sambódromo. Na época, o único representante do bairro no carnaval era um bloco, chamado Pé de Varsa. Essa agremiação, inclusive, foi a que agregou diversos membros rema-

nescentes da Mocidade Independente, que viram o bloco como a única alternativa para voltar a participar da folia representando o bairro. “Eu fui para o Pé de Varsa em 2010 ou 2011, e participei lá até 2015”, afirma Carrijo, um dos antigos integrantes da Mocidade que encontrou no bloco da Falcão um abrigo.

Foi após o carnaval de 2014 que a coisa realmente tomou proporção. Os desfiles voltavam a adquirir qualidade e beleza impressionantes, e cada vez mais o público voltava à passarela municipal para prestigiar o trabalho de um ano inteiro. O panorama favorável que se desenhava acendeu novamente, no coração daqueles que ainda sonhavam em ver a Mocidade na avenida outra vez, uma chama que há muito se acreditava estar completamente extinta.



*Depois que o carnaval voltou a ser organizado no sambódromo, o público e a qualidade dos desfiles aumentaram significativamente ano após ano. Foto: Vinicius Trombini/acervo pessoal*

## RECOMEÇO

“Um dia à noite eu passei no barracão do clube Fortaleza, onde se reunia o Pé de Varsa, e estavam lá o Breno, o Carlão e o Roberto Testa. Começamos a conversar e eu sugeri ‘já que não dá pra reativar a Independente, vamos fazer outra Mocidade’”, conta Allison. Animado com a ideia, esse grupo começou a agitar a discussão entre outros membros, alguns ainda dentro do Pé de Varsa e do carnaval, outros já um tanto afastados, mas que também logo se animaram com a ideia de tentar levantar uma nova agremiação. Afinal, boa parte dos que foram convidados a encarar a empreitada já tinha realizado algo semelhante em 1976. A falta de experiência não seria um problema.

A ideia logo rendeu mais adeptos, até que foi convocada uma reunião com o objetivo de decidir se a Falcão realmente voltaria a ter sua própria escola ou não. “Fomos atrás de estatuto, chamamos as pessoas que realmente colocavam a antiga Mocidade na rua e aí marcamos uma reunião”, detalha Allison. Além dele, também Cris, Jair, Carrijo, Maria, Beto e tantos outros que antes faziam a Mocidade Independente caminhar também compareceram ao encontro. “Nos reunimos no clube Fortaleza, no dia 13 de março de 2014. Havia 58 pessoas lá, me lembro bem”, descreve a atual presidente da agremiação. Algumas horas foram suficientes para tomar a decisão: a Falcão estava de volta ao carnaval bauruense. Nascia ali a Mocidade Unida da Vila Falcão.



PARA QUEM VIVEU O INÍCIO DE TUDO em 1976, tudo parecia um tanto quanto familiar: da semelhança do nome — proposital, é verdade, tanto para tentar resgatar a grandiosidade da antiga escola quanto reconstruir a imagem criada sobre ela após a desin-

tegração da mesma — ao fato de Jair Odria ser escolhido, novamente, para ser o primeiro presidente. “Foi colocado como presidente o Jair Odria, e eu estava como vice-presidente”, confirma Cris. As dificuldades iniciais também se assemelhavam bastante ao que ocorreu com a Mocidade Independente. Os esforços necessários para levantar o máximo de verba possível — visto que, por ser o primeiro ano de desfile, a escola não receberia subsídio nenhum da prefeitura — bem como a falta de uma sede própria onde pudessem ser realizados eventos para arrecadar dinheiro e mesmo os ensaios da bateria.

“Quando a Mocidade Unida surgiu, começaram a ser feitas algumas coisas na casa da Zilda, que fica numa travessa do colégio Luiz Castanho de Almeida. Só que ali tem uns vizinhos dela que não aceitam esse tipo de coisa, então começou a ficar complicado. Ela tinha um espacinho pra fazer alguns eventos, mas não dava para manter assim”, recorda Beto.

Até 2017, quando finalmente encontrou-se um barracão na região do bairro que pudesse ser alugado para sediar eventos e todas as outras atividades da agremiação, foi necessário improvisar. A bateria, por exemplo, chegou ensaiar na estação ferroviária e em praças da vila Falcão, a céu aberto. “No primeiro ano que a escola ganhou teve uma boa parte de ensaios que foi feita em uma pracinha, e estavam sempre lotados de pessoas”, ressalta o professor universitário.

Atualmente, a Mocidade Unida está situada em um barracão na avenida Elias Miguel Maluf, próximo ao estádio do Noroeste. O que, para Beto, não representa necessariamente algo positivo. Apesar de ser um endereço que a escola pode chamar de casa, faltam ações para envolver mais as pessoas que habitam a região do empreendimento. “Desde que mudamos para lá, nunca se

## RECOMEÇO

procurou nenhuma liderança do bairro para fazer alguma aproximação com as pessoas daquela região. A escola simplesmente foi plantada ali no meio de um lugar com gente que não tinha nada a ver com o negócio. Então esse é um ponto que precisaria ser mudado”, pontua.

Allison compartilha de visão parecida, mas atribui parte da culpa também ao tempo que o carnaval ficou estagnado. Apesar de já ser considerada uma das maiores escolas da cidade com apenas cinco anos de existência, a Mocidade Unida não desfruta da mesma relação com o bairro como sua antecessora, e trazer as novas gerações para dentro da escola parece cada vez mais difícil. “Era impressionante, porque todo mundo ali da região, da vila, ia lá e fazia parte da escola, queria desfilar, a ponto de recusarmos pessoas porque não tínhamos condições de fazer fantasia para todo mundo. Essa falta de continuidade fez com que perdesse a identidade. Acho que é um processo novo, de formação de uma nova comunidade”, sugere.



AO ME VER, CRIS VEIO DE ENCONTRO e me deu um abraço forte e demorado. Mesmo com o corpo completamente encharcado pelo suor por baixo da fantasia, respondi ao ato. Me agradeceu muitas vezes, e senti o nó na garganta apertar. Fora um ano difícil, de incertezas e medos, tanto para ela, à frente da escola pela primeira vez, quanto para mim, também estreando no comando da bateria. Mas o trabalho conjunto, o diálogo e o auxílio mútuo foram o suficiente para superar todos os empecilhos e alcançar um resultado incrível. Ainda não sabíamos, mas acabávamos de faturar o terceiro campeonato da escola.

Com apenas cinco anos de existência, a Mocidade Unida já se tornou uma das agremiações mais respeitadas dentro do carnaval bauruense. “Foi algo que deu um resultado muito bom. Porque desde que nós voltamos, fomos três vezes campeões e duas vezes vice-campeões. Isso quer dizer que realmente foi um trabalho certo, que deu resultado”, justifica Cris. Apesar de considerar que Mocidade Independente e Mocidade Unida são duas coisas totalmente distintas — ao contrário de outros membros mais antigos —, a presidente admite que tanto sucesso ao longo de tão pouco tempo em atividade é fruto de uma característica compartilhada entre ambas as escolas: o amor ao pavilhão. “O que eu vejo na Mocidade é muita dedicação, de todos. Eles realmente amam demais o pavilhão. E é isso que faz a escola muito forte. Tem brigas, é claro, mas o que vale mesmo é o respeito e se dedicar pela escola. E isso tem muito lá. Eu acho que a escola continua por um bom tempo. É pra continuar, pelo menos”.

---

## RECOMEÇO



*A atual presidente da Mocidade Unida, Ana Cristina (de vermelho), à frente do carro abre-alas no desfile de 2019, último campeonato conquistado pela escola.  
Foto: Vinicius Trombini/acervo pessoal*

---

## FONTES

### Documentais/impressas:

*Agora, é hora de consolidar o Carnaval*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 16 de fevereiro de 2010.

*Carnaval em Bauru: quem te viu quem te vê*, documentário de Fernando Barreto e Jefferson Atayde. 2015.

*Cartola comemora 40 anos de folia*, matéria publicada no site Repórter Unesp. 23 de janeiro de 2016.

*Entrevista da Semana: Cláudio Amantini*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 20 de setembro de 2009.

*Entrevista da Semana: Jair Odria*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 14 de fevereiro de 2016.

*Escolas pedem incentivo e Azulão do Morro cobra empenho do colegas*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 23 de fevereiro de 2009.

*Ex-prefeito de Bauru é preso acusado de cobrar propina*, matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo. 8 de setembro de 2009.

*Ex-prefeito de Bauru é preso por crimes praticados durante gestão*, matéria publicada no portal G1 São Paulo. 26 de maio de 2011.

*Gigante adormecido acorda para a folia*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 16 de fevereiro de 2010.

*Morre dona Zica, integrante da Velha Guarda da Mangueira*, matéria publicada no caderno Ilustrada, da Folha de São Paulo. 22 de janeiro de 2003.

*Na segunda noite, clima é de alegria*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 8 de março de 2011.

*Por trás do desfile: samba, suor e labuta no carnaval bauruense*, matéria publicada no site do Jornal Dois, de Bauru. 14 de fevereiro de 2018.

*Prefeitura quer retomar Carnaval no sambódromo*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 23 de fevereiro de 2009.

*Rádio Auri Verde: ondas de uma história*, artigo de Ana Carolina Costa, Kelly de Conti Rodrigues, Maria Cristina Gobbi, Natã Crivari e Otávio César Frabetti. Revista AlterJor. Ano 4, volume 1, edição 7. 2013.

*“Tamborim de Ouro” volta a Bauru*, nota publicada no site da Rádio Cidade 96 FM, de Bauru. 21 de janeiro de 2012.

*Voltou!*, matéria publicada no Jornal da Cidade, de Bauru. 16 de fevereiro de 2010.

#### **Orais:**

Allison Talon Carlos, 39, empresário

Ana Cristina Ignácio da Silva, 57, empresária

Carlos Roberto Grandini, 56, professor universitário

Jair Fontão Odria, 76, ex-diretor de escola aposentado

José Ricardo Scareli Carrijo, 63, administrador de empresas e economista

Léa Martins Francisco Ferreira Gomes, 69, secretária e apresentadora de televisão

Maria dos Reis da Silva Carvalho, 66, ex-funcionária pública aposentada

Oscar Simões Carvalho Filho, regulador de sinistro aposentado

Sérgio Agostinho de Araújo, 61, ex-ferroviário aposentado

Tobias Ferreira Gomes Filho, 61, radialista

Unilson Roberto de Matos, 70, funcionário público





# Apêndice

---

## GALERIA DE TÍTULOS

### **MOCIDADE INDEPENDENTE DE VILA FALCÃO**

**FUNDAÇÃO:** 25 de janeiro de 1976

Ao longo de 25 anos de existência, a Mocidade Independente conquistou 13 títulos do carnaval de Bauru, sendo eles:

- 1976** – Enredo: Escola de Sonhos
- 1977** – Enredo: As Sete Portas da Bahia
- 1978** – Enredo: As Raças
- 1979** – Enredo: O Mundo Maravilhoso do Circo
- 1980** – Enredo: Viagem ao Reino Encantado de Janaína
- 1981** – Enredo: Era Uma Vez...
- 1983** – Enredo: De Ifé ao Reino Encantado de Oxum Maré
- 1988** – Enredo: Morená, o Paraíso da Criação
- 1989** – Enredo: Viagem à República das Bananas
- 1991** – Enredo: Amazônia no Espelho das Águas
- 1992** – Enredo: Agosto, Eu Sou Primeiro nesse Carnaval
- 1993** – Enredo: Esta Loucura Chamada Paixão
- 1994** – Enredo: Há Mar É...

**MOCIDADE UNIDA DA VILA FALCÃO**

**FUNDAÇÃO:** 13 de março de 2014

Em cinco anos de atuação, o panorama também é favorável à escola. Dos cinco carnavais que disputou, a Mocidade Unida conquistou três, sendo eles:

**2016** – Enredo: Asas, Pra Quê Te Quero? – O Eterno Sonho de Voar

**2017** – Enredo: Da Batalha Pelos Trilhos às Glórias da Panela

**2019** – Enredo: Do Domínio do Fogo à Conquista do Ar, a Mocidade Vai Te Contar

---

Este livro foi composto nas tipologias Garamond e  
Palatino Linotype e impresso em novembro de 2019.